



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**



**O trabalho do Chapa à Luz do Princípio da Dignidade da Pessoa Humana.**

**The work of the Plate Light Principle of Human Dignity.**

Autores: Trindade Santos Sousa<sup>1</sup>, Welbert Feitosa Pinheiro<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Graduanda em Administração pela UFPI;*

<sup>2</sup> *Professor da UFPI, mestre, orientador.*

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725t** Sousa, Trindade Santos.

O trabalho do Chapa à luz do princípio da dignidade da  
pessoa humana / Trindade Santos Sousa. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (38 f.)

Monografia(Bacharelado em Administração) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof.Ms. Welbert Feitosa Pinheiro

1. Condições de Trabalho. 2. Chapa. 3. Dignidade da  
Pessoa Humana. 4. Ergonomia. I. Título.

**CDD 612.042**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**  
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos – PI.  
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



**PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA**  
**DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**Trindade Santos Sousa**

**O Trabalho do Chapa à Luz do Princípio da Dignidade da**  
**Pessoa Humana**

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera a discente como:

- Aprovado(a)**  
 **Aprovado(a) com restrições**

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 12 de Janeiro de 20 15.

Profº. Me. Welbert Feitosa Pinheiro  
Orientador

Profº. Me. Geny Marques Pinheiro  
Examinador 1

Profº. Me. Cristiane Feitosa Pinheiro  
Examinador 2

## RESUMO

O trabalho do Chapa tem fundamental importância para a movimentação do comércio do município de Picos-PI. Condições de trabalho que garantam a qualidade de vida desses trabalhadores são requisitos essenciais para o desenvolvimento de suas atividades. O chapa deve ter o direito à saúde e a segurança no trabalho, de modo que lhe assegure uma vida de qualidade; o desrespeito a esse direito agride o princípio da dignidade da pessoa humana. Diante disso, a pesquisa buscou analisar quais os impactos que as condições de trabalho dos chapas podem causar na qualidade de vida desta classe trabalhadora. O estudo adotou a abordagem qualitativa, por meio do método da pesquisa de campo. Na coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, aplicado aos chapas. A pesquisa foi fundamentada nas ideias de autores como: Paulo e Alexandrino (2011, 2013), Sarlet (2011), Rosenvald (2005), Dual e Weerdmeester (2004), Moraes (2010), Martins (2001), Nascimento (2013), dentre outros. Os resultados obtidos mostram que os chapas trabalham em condições desumanas e estão expostos a muitos riscos, devido a não utilização dos equipamentos de proteção individual e ao excesso de peso a que se submetem. Além disso, verificou-se que não recebem o devido respeito por parte da sociedade e que a renda adquirida não é suficiente para garantir uma vida com plena dignidade. Conclui-se que as condições de trabalho dos chapas não garantem que seus direitos sejam respeitados, ou seja, o princípio da dignidade da pessoa humana está sendo afetado.

**Palavras-chave:** Condições de trabalho. Chapa. Dignidade da Pessoa Humana. Ergonomia.

## ABSTRACT

The job of the plate is of fundamental importance for the movement of trade in the city of Picos-PI. The conditions work that guarantee the quality of life of these workers are essential requirements for the development of their activities. The plate should have the right to health and safety at work, so ensure a quality of life theirs; the disrespect in this right attacks the principle of human dignity. Therefore, this research analyze the impacts that the working conditions of the plate can cause the quality of life of this working class. The study adopted a qualitative approach, through field research method. In the data collected using a semi-structured interview guide, applied to them. The research was based on the authors' ideas as Paul and Alexandria (2011, 2013), Sarlet (2011), Rosenvald (2005), and Dual Weerdmeester (2004), Moraes (2010), Martins (2001), Birth (2013), among others. The results show that the plate work in inhuman conditions and are exposed to many risks due to failure to use personal protective equipment and the overweight that they carry. In addition, it was found that they not receive due respect from society and that they are not enough to guarantee a life with full dignity. We conclude that the working theirs are conditions do not guarantee that their rights are respected, that is, the principle of human dignity is not being valid.

**Keywords:** Working conditions. Plate . Human Dignity. Ergonomics.

## INTRODUÇÃO

“As coisas têm preço; as pessoas, dignidade.”  
(Moraes, 2010, p.81)

No mundo capitalista em que as pessoas estão inseridas, muitas vezes são levadas a pensar como se tudo tivesse um preço, mas como afirma a autora no trecho acima, as coisas é que tem preço, já as pessoas tem dignidade. Isso se faz presente nas diversas formas de relacionamento entre os indivíduos, podendo ser evidenciado claramente nas relações trabalhistas, seja entre o contratante e o contratado, ou até mesmo na visão que a sociedade cria em relação aos cargos, onde na maioria dos casos o tratamento para com o ser humano varia conforme o cargo que ele exerce.

Seguindo esta linha de pensamento da Moraes (2010), a respeito da dignidade da pessoa humana, é que se pretende lançar um olhar crítico sobre as condições de trabalho dos “Chapas” do município de Picos-PI. Diante dessa proposta é interessante pontuar o conceito de trabalho que pode ser entendido como um conjunto de atividades realizadas, ou seja, é o esforço feito por indivíduos com o objetivo de atingir uma meta. A presente pesquisa dedicou-se a análise de uma classe de trabalhadores específica: o “chapa”.

Nas precisas lições de Nascimento (2013, p. 1075) o “chapa” é aquele que “faz carga e descarga de mercadorias de caminhões, recebendo cada dia de um motorista diferente ou de empresas diferentes para as quais, sem fixação, faz esse serviço”. Esta descontinuidade na prestação do trabalho deste profissional, que sempre está servindo para pessoas diferentes, o enquadra na classe do trabalhador eventual.

O município de Picos, situado na região centro-sul do Piauí, é considerado economicamente desenvolvido nessa região. Sua economia é à base do comércio e por conta do seu posicionamento geográfico caracteriza-se como um polo comercial, sendo cortado pela BR-316, BR-407, BR-230 e ficando muito próxima à BR-020. A economia movida pelo comércio faz com que todos os dias cheguem caminhões carregados de mercadorias para abastecerem o mercado, dando origem ao trabalho dos chapas. Apesar destes trabalhadores se fazerem presente no cotidiano da cidade, seu trabalho passa despercebido aos olhos da sociedade e, até o presente momento, não havia despertado em alguém o interesse de se aprofundar sobre o tema.

O trabalho dos chapas, apesar de ser informal, está diretamente ligado ao abastecimento de mercadorias de grandes empreendimentos comerciais que fornecem produtos ao município de Picos e sua microrregião. Esta produção científica vai buscar conhecer o cotidiano destes trabalhadores, partindo do princípio da dignidade humana apresentado na Constituição Federal de 1988 (Art. 1º, III) e dos conceitos ergonômicos (NR17) defendidos pela Ciência da Administração para analisar as condições de trabalho às quais os chapas estão submetidos, bem como seus impactos na qualidade de vida desta classe trabalhadora.

Ao discutir em torno da dignidade da pessoa humana, Santos (2012, p. 2) afirma que ela só se concretiza quando o indivíduo alcança seus direitos vitais mínimos, ou seja, os direitos fundamentais como: a saúde, a educação, a liberdade, o trabalho, o meio ambiente equilibrado, entre inúmeros outros que são responsáveis por proporcionar o respeito e a qualidade de vida a todo ser humano. Evidencia-se, então, que o trabalho é algo que dignifica o homem, porém é preciso se atentar também às condições oferecidas por ele, às formas de trabalho devem ser dignas, garantindo ao menos a observância aos direitos dos trabalhadores.

A partir do contato direto, da observação e das respostas apresentadas nas entrevistas será possível perceber se a forma de trabalho adotada oferece condições que garantam a tão almejada dignidade humana que, segundo a Constituição, é um direito de todos.

Segundo Paulo e Alexandrino (2013), a prestação de serviços gera uma relação de emprego, ou seja, um vínculo obrigacional que une o trabalhador e o empregador, subordinando o primeiro às ordens legítimas do segundo, por meio do contrato individual do trabalho. Por sua vez, o contrato de trabalho é o ato jurídico que cria a relação de emprego.

O chapa não é um empregado e sim um trabalhador eventual, mesmo assim existe a contratação de seus serviços, portanto é importante observar ainda a forma como se dá esta negociação da prestação de serviços da categoria em estudo, pois é necessário conhecer e verificar se ela garante seus direitos ou se de alguma forma lhes oferece prejuízos.

Voltando um pouco o olhar para o campo da Administração, nota-se que como forma de melhorar a relação entre o homem e o seu trabalho, surgiu no campo desta ciência a disciplina de Ergonomia que, segundo Iida (2005, p.2) “é o estudo da **adaptação** do trabalho ao homem”. Neste novo cenário, não é mais o homem que se adapta ao trabalho, agora ocorre o inverso, há uma adaptação das condições do trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, na busca por proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente, conforme reza a NR-17.

Esta adaptação do ambiente de trabalho ao homem pode ser feita através de diversos fatores. Como assinalam Dul e Weerdmeester (2004), a ergonomia pode se utilizar da conjugação de fatores ambientais, postura e movimentos corporais, informação, relações entre mostradores e controles, bem como cargos e tarefas, permitindo a projeção de ambientes seguros, saudáveis, confortáveis e eficientes, tanto no trabalho quanto na vida cotidiana.

Nota-se que a adoção a essa prática é capaz de garantir melhores condições de trabalho, de modo que pode ser vista como algo que contribui para o alcance da dignidade humana. Frente a esta realidade, surgiu a ideia deste trabalho que pretende responder ao seguinte questionamento: quais os impactos que as condições de trabalho dos chapas podem causar na qualidade de vida desta classe trabalhadora?

Para tanto foi feita uma análise do trabalho dos Chapas, utilizando-se de conhecimentos da área jurídica e da administração, na qual foi preciso caracterizar o cotidiano dos mesmos, analisar a sua percepção acerca das condições de trabalho e ainda, verificar que elementos a profissão dos chapas agregam na construção da dignidade humana desta classe trabalhadora.

A fundamentação teórica será feita com base em autores que abordam os conteúdos em torno da temática em questão, como: Paulo e Alexandrino (2011, 2013), Sarlet (2011), Rosenvald (2005), Dual e Weerdmeester (2004), Moraes (2010), Martins (2001), Nascimento (2013), Iida (2005), dentre outros.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A dignidade da pessoa humana: suas influências nas relações de trabalho**

A dignidade da pessoa humana é algo bastante difundido na atualidade. A sociedade repugna ações que venham a ofender a humanidade do ser humano, mas vale ressaltar que nem sempre foi assim. Ao longo da história, muitas pessoas tiveram que dar suas vidas em nome da construção desta dignidade. Por isso, antes de falar da implantação do princípio da dignidade na Constituição Federal de 1988, é necessário se fazer uma breve análise do surgimento e evolução de tal princípio.

Rosenvald (2005, p. 1), acredita que isso é possível de ser feito relembrando três momentos e suas contribuições: o Cristianismo, o Kantismo e a Segunda Guerra Mundial.

Ainda nessa linha de ideias, assim discorre Rosenvald (2005, p. 1) sobre a contribuição do cristianismo no surgimento da dignidade humana, a saber:

Podemos vislumbrar, na doutrina cristã, o passo inicial para edificação de uma ideia de sujeito como pessoa e, portanto, portador de especial dignidade. As escrituras revelam no homem a imagem e semelhança do próprio Deus, o que nos concede liberdade e inteligência, distinguindo-nos dos demais seres que compõem a natureza.

Assim percebe-se que nesse momento surgem os primeiros indícios da dignidade humana que se vivencia na atualidade. Essa semelhança com Deus conferiu ao ser humano um diferencial em relação aos outros; ao nascer o homem já trazia a dignidade em sua alma. Na esteira do diálogo de Rosenvald (2005, p.6) com a filosofia kantiana, destaca-se que a dignidade migra para o interior do ser humano, associando-se à racionalidade e liberdade como atributos exclusivos da pessoa natural.

A Segunda Guerra Mundial trouxe inúmeros prejuízos para as pessoas, principalmente para as dos países derrotados, onde milhões de pessoas foram mortas e feridas. O racismo esteve presente e deixou uma ferida grave, principalmente na Alemanha, onde os nazistas mandaram para campos de concentração e mataram inúmeros judeus. Este acontecimento mundial deu origem a um ambiente envolto sob o anseio pela dignidade da pessoa humana, a qual passou a ser um valor imprescindível para a instauração de um Estado de Direito Democrático.

Conforme Rosenvald (2005, p. 6) expõe, todo o progresso do tema se resume a seguidas alterações de seus pontos de referência, essa evolução trifásica pode ser resumida da seguinte forma:

Inicialmente a dignidade se localiza em Deus, era externa ao homem, posto concedida por um ente superior; em um segundo momento, a dignidade migra para o interior do ser humano, associando-se à racionalidade e a liberdade como atributos exclusivos da pessoa natural; por fim, brutais atentados contra a dignidade demonstram a necessidade de localizar a dignidade como princípio constituinte do Estado Democrático de Direito.

A síntese apresentada acima resume a importância desses três momentos para a construção do princípio da dignidade humana. A partir daí a dignidade foi passando pela esteira do constitucionalismo iniciada na Alemanha, passando por Portugal e Itália, até chegar no Brasil.

Rosenvald (2005, p. 31) diz que “a Carta brasileira de 1934 fez referência pioneira à dignidade, ao alertar em seu art. 115, sobre a necessidade de se organizar a ordem econômica, de modo a conceder a todos a ‘existência digna’”. No entanto a evolução histórica do Brasil lhe concedeu uma curta trajetória, não a deixando exercer qualquer desenvolvimento social com base nesta inovação.

A instalação do “Estado Democrático e de Direitos”; no Brasil deu espaço para a fortificação da dignidade no país. Isso fica claro no art. 1º da “Constituição Federal de 1988” que dispõe, a saber:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I- a soberania;
- II- a cidadania;
- III- **dignidade da pessoa humana** [grifo nosso];
- IV- os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

## V- o pluralismo político.

No ordenamento jurídico brasileiro o princípio da dignidade da pessoa humana é considerado o princípio dos princípios, portanto todo aparato jurídico deve ser lido à sua luz. Além disso, é este princípio que impõe o caráter humanizador sobre todas as normas estatais.

O principal conceito do campo do direito que irá nortear esta produção é o princípio fundamental da dignidade humana, que, como foi mostrado anteriormente, se faz presente na nossa Constituição Federal de 1988 como fundamento da ordem constitucional pátria. Apesar da dificuldade para se chegar a um consenso quanto ao conceito da dignidade humana, no mundo jurídico um dos mais difundido e mais adotado ao se tratar deste tema é a definição apresentada por Sarlet (2011, p.73), na qual utiliza os seguintes termos:

A qualidade intrínseca e distintiva reconhecida em cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e co-responsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos.

O conceito de dignidade humana apresentado na citação acima está sendo usado neste estudo como base para verificar que elementos a profissão dos chapas agregam na construção da dignidade destes indivíduos. Na discussão desta problemática é necessário verificar ainda as condições de trabalho, afim de identificar se as mesmas garantem proteção à dignidade. É importante lembrar que havendo um trabalhador, ali deve se fazer presente a devida proteção a sua dignidade humana.

Nas precisas lições de Nunes (2002, p.49),

A dignidade nasce com a pessoa. É-lhe inata. Inerente à sua essência. Mas acontece que nenhum indivíduo é isolado. Ele nasce, cresce e vive no meio social. E aí, neste contexto, sua dignidade ganha – ou, [...] tem o direito de ganhar - um acréscimo de dignidade. Ele nasce com integridade física e psíquica, mas chega um momento de seu desenvolvimento que seu pensamento tem de ser respeitado, suas ações e seu comportamento - isto é, sua liberdade, sua imagem, sua intimidade, sua consciência – religiosa, científica. Espiritual – etc., tudo compõe sua dignidade.

Percebe-se que a dignidade humana é inata ao ser humano, mas precisa ser aprimorada nas relações sociais, por meio do respeito às ações e aos comportamentos do indivíduo. Cada pessoa possui uma forma própria de pensar e através dela faz suas escolhas, as quais devem ser respeitadas pelos demais, desde que não venha a afetar o próximo. Consoante à lição de Jacintho (2006, p.205),

No panorama constitucional pátrio, a dignidade humana não apenas se firma como um dos seus princípios fundamentais, como também é um dos elementos que compõem o conceito do Estado de Direito Democrático, o qual apenas se legitima na medida em que materializa os direitos fundamentais, assegurando a sua observância através de mecanismos plenamente exercitáveis pelo cidadão.

Jacinto (2006) aborda um ponto bem relevante, a dignidade se faz presente em muitos tratados, acordos ao redor do mundo, inclusive na Constituição Brasileira de 88, onde é afirmada como um dos fundamentos da nação brasileira, mas ela só passa a ter legitimidade quando se materializa, ou seja, quando toma forma e é aplicada em casos concretos.

Vê-se que os direitos fundamentais são frutos de uma conquista adquirida ao longo da história, atualmente estão no texto constitucional de 1988 e ao serem violados, conseqüentemente, viola a dignidade do cidadão, neste momento um Estado Democrático e de Direito se volta para o cidadão garantindo a ele uma vida mais digna.

## 2.2 A caracterização do Trabalhador Eventual

Fundamentado na alínea “g” do inciso V do art. 12 da lei nº 8.212/9,1 o trabalhador eventual é indicado como: “aquele que presta serviço de natureza urbana ou rural em caráter eventual, a uma ou mais empresas, sem relação de emprego”. Para se ter uma compreensão mais consistente do porquê do eventual não poder ser caracterizado como empregado, é interessante se apresentar os requisitos imprescindíveis para a caracterização do empregado.

Paulo e Alexandrino (2013) evidenciam cinco elementos essenciais para definição de empregado: pessoa física, não eventualidade, subordinação, salário e pessoalidade. O eventual será sempre uma *pessoa física* que presta serviço com *pessoalidade*, ou seja, sua atividade é exercida diretamente pelo próprio trabalhador. A *onerosidade* também se faz presente ao passo que faz um serviço para o tomador de serviço e, em contrapartida, este tem a obrigação de remunerar seu trabalho. Como o eventual vai estar sempre sob as ordens, orientação e fiscalização do beneficiado, pode-se afirmar que ele atende ao requisito de *subordinação*.

Porém, um elemento não se faz presente na forma de trabalho do eventual: a *não eventualidade*. Como assinala Martins (2001, p. 152) “O eventual é a pessoa física contratada apenas para trabalhar em certa ocasião específica [...] O trabalho prestado em caráter eventual é o que é ocasional, fortuito, esporádico”. Percebe-se que essa não eventualidade faz com que ele não se fixe a uma fonte de trabalho o diferindo mais ainda do empregado, pois este último se fixa a uma fonte de trabalho.

Os trabalhadores eventuais mais citados na doutrina são: o “boia-fria”, a diarista e o “chapa”, pois todos eles prestam serviços e recebem remuneração de pessoas físicas ou jurídicas distintas a cada dia. O chapa, por exemplo, como cita Nascimento (2013) “faz carga e descarga de mercadorias de caminhões, recebendo cada dia de um motorista diferente ou de empresas diferentes para as quais, sem fixação, faz esse serviço”.

Nas lições de Nascimento (2013) são abordadas quatro teorias que auxiliam a diferenciação entre empregado e trabalhador eventual. A do *evento*, segundo a qual eventual é o trabalhador admitido numa empresa para determinado evento. A dos *fins*, para a qual o empregado presta serviços que estão ligados as atividades fins da empresa, enquanto os eventuais prestam serviços que não estão relacionados as atividades fins da empresa. A da *descontinuidade* preconiza que o empregado é um trabalhador permanente e o eventual ao contrário, é um trabalhador ocasional. E por último a da *fixação*, que diz que o eventual não é fixo a uma fonte de trabalho, enquanto o empregado o é.

Essas são tidas como as quatro teorias que distinguem o trabalhador do eventual, porém algo merece destaque quanto a estas hipóteses, é que uma delas não é unanimemente

aceita entre os doutrinários, trata-se da teoria dos fins; o próprio Nascimento (2013) aponta que não considera adequada a orientação defendida por esta teoria. E Martins (2001) completa esta ideia ao afirmar:

Não podemos, contudo, considerar como eventual o fato de que o trabalho não se insere na vida normal da empresa. Existem trabalhadores que prestam serviço à empresa, embora não estejam incorporados a sua atividade normal. É o caso do electricista que trabalha na indústria automobilística.

Nota-se que essa teoria não serve para distinguir o trabalhador eventual do empregado. Os dois critérios que deixam mais clara esta distinção é a casualidade e a não fixação a uma fonte de trabalho. Uma vez que o empregado presta serviços continuamente para a mesma fonte de trabalho, estando assim fixo a ela, enquanto o eventual por sua vez presta seus serviços de forma ocasional para alguém, sendo assim não se fixa a uma fonte de trabalho.

### **2.3 A influência da Ergonomia no campo da Administração**

A Ciência da Administração surgiu como evidencia Chiavenato (2005), em resposta à necessidade de organizar os estabelecimentos nascidos com a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, em meados do Século XIX. Este advento ocasionou problemas organizacionais que não existiam antes e que exigiam soluções específicas, as quais os profissionais de outras áreas mais antigas, a exemplo da Engenharia, não conseguiam oferecer. O acelerado desenvolvimento industrial demandou profissionais que os administrassem, norteados por métodos de ciências diversas.

A necessidade de organizar e documentar o conjunto de conhecimentos a respeito das organizações e do processo de administrá-las deu origem à Teoria Geral da Administração, sendo composta por princípios, proposições e técnicas em permanente elaboração.

A evolução desta ciência se deu por meio do desenvolvimento de diversas teorias, cada uma voltada para determinada parte da organização. O precursor deste movimento foi Frederick Taylor, considerado o pai da Administração Científica (1903), que foi desenvolvida com a ênfase nas tarefas. Com base nas ideias apresentadas por Chiavenato (2005) as principais teorias, bem como sua ênfase e datas de surgimento podem ser elencadas de forma sucinta e de fácil compreensão, vejamos abaixo:

- Teoria da Adm. Científica (1903): ênfase nas tarefas;
- Teoria Clássica (1916): ênfase na estrutura;
- Teoria das Relações Humanas (1932): ênfase nas pessoas;
- Teoria da Burocracia e Estruturalista (1947): ênfase na estrutura;
- Teoria Cibernética e de Sistemas (1951): ênfase no ambiente;
- Teoria Neoclássica (1954): ênfase na estrutura;
- Teoria Comportamental (1957): ênfase nas pessoas;
- Teoria da Contingência (1972): ênfase no ambiente e na tecnologia; e
- Teoria Neo-schumpeteriana (1982): ênfase na tecnologia.

Atualmente, as organizações, segundo Kotler e Keller (2006) são divididas em departamentos, cada um voltado para sua área de atuação, como por exemplo, departamentos de marketing, finanças, pessoal e produção. Essa subdivisão em setores não quer dizer que eles funcionam de forma independente, pois seria impossível tendo em vista que o sucesso da empresa é oriundo da soma dos resultados de cada um deles, sendo assim há uma relação de interdependência entre os mesmos. O departamento de Relações Humanas só pode contratar

novos colaboradores, por exemplo, após conferir a situação financeira da organização junto ao departamento financeiro.

Com o advento da globalização, a propagação da informação em alta velocidade e a transformação do pensamento do consumidor, que tem se tornado cada vez mais exigente, as organizações estão dando uma atenção especial ao fator humano (cliente interno e externo). Para fundamentar esta produção iremos utilizar alguns conceitos adotados na atualidade para guiar a relação entre empresas e colaboradores, principalmente o conceito da ergonomia.

Como aponta Dul e Weerdmeester (2004, p. 1), “a ergonomia desenvolveu-se durante a II Guerra Mundial (1939-45). Pela primeira vez, houve uma conjugação sistemática de esforços entre tecnologia, ciências humanas e biológicas para resolver problemas de projeto”. Quanto ao conceito de ergonomia, Dul e Weerdmeester (2004, p. 1) trazem a seguinte definição:

Ergonomia ou (fatores humanos) é uma disciplina científica que estuda as interações dos homens com outros elementos do sistema, fazendo aplicações da teoria, princípios e métodos de projeto, com o objetivo de melhorar o bem-estar humano e o desempenho global do sistema.

Sabe-se que as organizações são formadas e movidas por pessoas, é o desempenho delas que garante a lucratividade do negócio, diante dessa visão os olhares dos gestores se voltam com maior cuidado para o fator humano. A respeito disso, Dul e Weerdmeester (2004, p. 11) trazem uma visão bastante difundida hoje no mundo empresarial, segundo eles “Atualmente há respeito maior às individualidades, às necessidades do trabalhador e normas de grupo. Na medida do possível procura-se envolver os próprios trabalhadores nas decisões sobre seu trabalho”.

Essa busca de envolver as pessoas nos processos da empresa, por meio da administração participativa, se dá devido ao olhar mais detalhado que está se lançando sobre os indivíduos e que tem deixado claro que o envolvimento das pessoas na empresa, o fato de se sentirem parte daquele ambiente faz com que melhorem seu desempenho e tragam maiores retornos.

Absorver e manter pessoas com alto teor intelectual é a tomada de decisão mais inteligente por parte dos gestores; não podemos esquecer a influência da tecnologia, porém o que garante o bom desempenho das máquinas é o homem, de modo que, pessoas preparadas é que garantem o pleno funcionamento e o alcance dos objetivos organizacionais.

Conforme expõe Dul e Weerdmeester (2004, p. 2), “os praticantes da ergonomia são chamados de **ergonomistas** e devem analisar o trabalho de forma global, incluindo os aspectos físicos, cognitivos, sociais, organizacionais, ambientais e outros”. Para realizar seus trabalhos estes profissionais estudam as condições prévias, as consequências do trabalho e as interações que ocorrem entre o homem, máquina e ambiente durante a realização de suas atividades. Como costumam atuar em domínios especializados terminam abordando certas características do sistema, como por exemplo, a ergonomia física que, conforme Dul e Weerdmeester (2004, p. 3):

ocupa-se das características da anatomia humana, antropologia, fisiologia e biomecânica, relacionados com a atividade física. Os tópicos relevantes incluem a postura no trabalho, manuseio de materiais, movimentos repetitivos, distúrbios músculo-esqueléticos relacionados ao trabalho, projeto de postos de trabalho, segurança e saúde do trabalhador.

Esta preocupação demonstrada nas linhas anteriores com a forma correta da postura humana ao desenvolver suas atividades, com a adequação da estrutura do ambiente de

trabalho conforme as necessidades das pessoas e com a segurança no trabalho é a ponte de ligação entre a ergonomia e o objeto de estudo desta produção: os chapas.

Após identificar as formas de trabalho desta classe serão utilizados conceitos desta disciplina para interpretá-las. Como foi afirmado na introdução, este estudo tem suas bases em conceitos tanto da Administração quanto do Direito na busca de apresentar uma leitura do trabalho do “chapa” à luz da dignidade humana e por meio dela verificar os impactos que as condições de trabalho dos chapas podem causar na qualidade de vida desta categoria trabalhadora.

As lições de Iida (2005, p. 19) apontam que “Inicialmente, as aplicações da ergonomia restringiram-se à indústria e ao setor militar e aero-espacial. Recentemente, expandiram para a agricultura, ao setor de serviços e à vida cotidiana”.

Ela abrange diversas áreas que dependem da utilização da força de trabalho humano. Estes princípios podem auxiliar o trabalho dos chapas tanto na hora de transportar as mercadorias, quanto nas suas atividades do dia-a-dia. Após conhecer o seu cotidiano será possível com base na ergonomia observar até que ponto as formas, a condição, a postura e os instrumentos de trabalho estão de acordo com as necessidades humanas.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pretende verificar os impactos que as condições de trabalho dos chapas podem causar na qualidade de vida desta categoria e ao final pretende apresentar uma análise do trabalho destes profissionais se utilizando de conhecimentos da área jurídica e da administração.

O objetivo ao qual a pesquisa se propõe deixa claro que se trata de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, pois segundo Michel (2005), esta metodologia defende que a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence por meio da experimentação empírica e da argumentação lógica das ideias, pois a interpretação dos fatos sociais não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade.

Os dados que norteiam a pesquisa foram coletados no cotidiano dos indivíduos em análise, o que possibilita defini-la como uma pesquisa de campo, pois de acordo com Michel (2005, p. 36) esta forma de pesquisa “caracteriza-se pela coleta de dados no ambiente real no qual a situação ou o problema ocorre”.

Seguindo ainda a linha de pensamento de Michel (2005) buscou-se a compreensão da realidade vivenciada por uma categoria de trabalhadores específica – os chapas – portanto pode-se afirmar que foi feito um estudo de caso, tendo em vista que este tipo de estudo é uma técnica que se aprofunda na análise de uma unidade, ou seja, de um grupo social, uma situação específica, entre outros, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

A coleta de dados ocorreu por meio de dois instrumentos. O primeiro foi a observação não participante, na qual Michel (2005, p. 40) afirma que “o observador toma contato com o grupo estudado, mas sem integrar-se a ele, ou seja, presencia o fato, mas não participa dele”. O segundo foi a entrevista despadronizada ou semiestruturada por meio da qual conforme Michel (2005, p. 45) “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão”. Para o registro das entrevistas foi utilizado um gravador de voz.

A pesquisa está voltada para uma categoria específica de trabalhadores, os chapas, porém não será possível entrevistar todas as pessoas pertencentes ao grupo, sendo assim teve que ser feita a delimitação do universo. Para escolha dos indivíduos a serem abordados, utilizou-se o método conhecido como “bola de neve” que, de acordo com Velasco e Díaz (1997) funciona basicamente pela indicação, onde os participantes iniciais de um estudo

indicam novos participantes e assim por diante, até considerar-se que já se tem informação o bastante para fundamentar a pesquisa.

Esta metodologia se encaixa perfeitamente no ambiente deste estudo, pois os chapas estão distribuídos por diversos pontos da cidade, aos redores dos armazéns, lojas e supermercados, o que torna impossível investigar a todos no período que se tem para desenvolver a pesquisa.

Outro ponto positivo da indicação é que, por meio dela, é possível entrar em contato com profissionais que já atuaram na área e hoje por algum motivo se encontram afastados, possibilitando ver na prática como a forma de trabalho adotada pelos mesmos pode afetar a sua qualidade de vida.

As entrevistas aconteceram no município de Picos, no período de novembro a dezembro de 2014, onde a coleta de dados foi feita em três locais específicos: na Av. Senador Helvídio Nunes, no bairro Junco, na altura do balão do Junco; próximo ao Fórum Av. Senador Helvídio Nunes, no bairro Bomba; e na Rua do Cruzeiro, no bairro Bomba. Os locais foram escolhidos por serem pontos estratégicos para o chapa, pois ficam próximos aos armazéns ou nas vias de chegada dos caminhões portando as mercadorias.

Antes do início das entrevistas, como ensina Vergara (2007, p.58), informou-se aos entrevistados o objetivo e a relevância da pesquisa, a importância da colaboração do ator social para a pesquisa, bem como a garantia da confidencialidade. Durante as entrevistas, os chapas foram questionados sobre as inúmeras situações que envolvem os mesmos no espaço laboral. Após a coleta de dados, realizou-se a transcrição das vozes dos entrevistados, posteriormente à análise dos resultados e por fim a exposição das considerações finais.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Para esta produção, foram entrevistados 4 chapas. A seguir serão expostos os resultados encontrados e a análise dos mesmos, feita com base nos pressupostos teóricos, de modo a levantar pontos que auxiliem na compreensão do objetivo principal desta pesquisa, que é entender como as condições de trabalho dos chapas afetam sua qualidade de vida e influenciam no alcance da dignidade da pessoa humana desta categoria de trabalhadores.

O trabalho do chapa consiste em descarregar mercadorias, porém isso pode ser mais bem detalhado, esse processo possui alguns passos. Primeiro, é feita a preparação para iniciar o serviço, prepara-se o local de depositar a mercadoria e retira-se a lona/proteção da carga. Logo após, os homens se posicionam para o início do trabalho, onde existem três tarefas bem divididas:

- **Batedor:** fica em cima do caminhão entregando a mercadoria;
- **Carregador:** faz o deslocamento da mercadoria do caminhão até o depósito, a mercadoria é transportada na cabeça;
- **Ajudante:** fica no depósito para ajudar a retirar a mercadoria da cabeça e organizá-la no depósito.

A par dessa divisão, constata-se que esta atividade precisa de, no mínimo, três pessoas para desenvolvê-la. Estando concluída a preparação e o posicionamento, dá-se início ao processo de descarga e armazenagem da mercadoria. Alguns riscos foram identificados nesta profissão, como por exemplo, a questão do peso e do contato com diversos tipos de mercadorias.

Faz-se interessante apresentar a visão do chapa em relação aos riscos que ele está exposto. Para tanto foi feito o seguinte questionamento: Você considera que passa por algum tipo de risco no seu trabalho? Qual ou quais? E foram obtidas as seguintes respostas:

TABELA 1: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	Ah, mais risco e é grande, só em a gente viajar, arriscar um acidente na estrada, cê tá em cima duma carga, as vez você pode deslizar em cima duma carga, uma corda quebra, uma coisa, que tem carrada que é alta pra você começar, se cai de cima pra baxo acontece, da acidente, acontece.
CHAPA 02	Passa. [...] É. Tem vez a que gente vai viajar, viaja e tem os lote muito alto que a gente faz, tem medo de cair em cima da gente, e serviço de descarregador de caminhão tem um bucado de risco.
CHAPA 03	Não, normal, é um trabalho normal.
CHAPA 04	Sim, sim, o peso, porque aí, geralmente a gente pega muito peso né! É muito excesso, muitas vezes trabalha um dia, aí trabalha outro; às vezes trabalha três dias um no outro emendado, aí isso aí, vai ocasionar muitas coisas, vai desgastando, no futuro pode ser que aconteça alguma coisa com a agente com a saúde da gente, né!

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

As falas dos chapas 01, 02 e 04 confirmam os riscos e ainda assinala alguns, como: acidentes nas estradas, tendo em vista que eles viajam para prestar serviços em outras cidades; quedas de cima da carga; excesso de peso e dias seguidos de trabalho pesado. Percebe-se que não é uma atividade fácil e que suas condições podem interferir negativamente na qualidade de vida desses indivíduos.

Porém, o chapa 03 tem uma visão diferente ao afirmar: “Não, normal, é um trabalho normal”, mesmo realizando as mesmas funções que os outros, na concepção dele o risco que esta prática oferece é igual a qualquer outro tipo de trabalho, revelando uma visão um pouco distinta, pois, por exemplo, o risco que o chapa está exposto é diferente do risco que corre um operador de telemarketing.

A rotina de trabalho e o horário de descanso interferem na qualidade de vida do ser humano. No caso em análise, foi apontado que os horários de trabalho variam; às vezes se trabalha a semana inteira, outras vezes apenas alguns dias, o fato mais desgastante é que a maioria das vezes se costuma trabalhar com cargas pesadas três dias seguidos, a saber: “muitas vezes trabalha um dia, aí trabalha outro, às vezes trabalha três dias um no outro emendado”.

Percebe-se que quase sempre o chapa tem uma carga horária de trabalho muito extensa e cansativa, de modo que para garantir o mínimo de qualidade de vida é necessário um intervalo para repouso e alimentação. O trabalho do chapa quase nunca obedece a essa regra. Existem alguns motivos que levam a isso, que serão discutidos a seguir. A inobservância da prática do descanso destes profissionais pode ser evidenciada nas respostas apresentadas ao indagá-los a respeito do descanso:

TABELA 02: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	Num tem, Num tem que é na produção, num tem intervalo não.
CHAPA 02	O descanso é, quando num tiver serviço no dia, descansa em casa, quando tem num descansa, fica sem descansar.
CHAPA 04	Só mesmo à noite, só, muitas vezes a gente quando faz [...] uma diária boa, aí muitos num vem mais, fica em casa, descansa, geralmente 1 h da tarde, 2h, aí num vem mais, ali aquele período ali de 2 da tarde até 6 da noite e o resto da noite é o descanso.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

É interessante olhar com atenção para os fatores enraizados na forma de trabalho dos chapas a fim de identificar o que os levam a trabalhar de forma tão exaustiva. Um ponto que contribui para isto é que os chapas pertencem à categoria do trabalhador eventual, ou seja, presta um serviço em caráter eventual, a uma ou mais empresas, sem relação de emprego. Há uma descontinuidade de prestação de serviços para a mesma fonte tomadora, um dia ele trabalha pra uma empresa, no outro já trabalha com outra, lembrando que a negociação

também pode ser feita direto com o caminhoneiro, mas cada dia se trabalha para uma pessoa diferente.

Essa descontinuidade faz com que eles estejam sempre tentando atender todas as oportunidades de serviços que vão surgindo, ficando assim com uma carga horária de trabalho muito extensa. O chapa 01, em sua fala, evidencia um ponto primordial para a inexistência do intervalo para descanso e conseqüentemente, para alimentação: ocorre que eles trabalham por produção, então vão ganhar conforme o que trabalhar, além do mais, preferem terminar logo o serviço e deixar o descanso para casa ao término do trabalho.

Com base no exposto até aqui, fica claro que ser um chapa não é nada fácil e não é uma profissão bem conceituada na sociedade, então pode surgir o questionamento: Por que eles trabalham nesse ramo, mesmo oferecendo tantos riscos, sendo tão cansativo e tendo tão pouco reconhecimento?

Durante a coleta de informações foram encontradas pessoas que vão de analfabetas até aquelas que possuem o ensino fundamental incompleto, constatando assim o baixo grau de escolaridade, levando a pensar ser este o fator determinante para escolha desta profissão.

Ao serem perguntados sobre o que os levou a trabalhar como chapa, responderam que:

TABELA 03: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	É porque eu achei bom ganhar dinheiro e nesse tempo dava mesmo como ainda hoje dá... dá mais fraco, mais antigamente era bom, aí dei fé, entrei no mei dos outro e quem entra lá num sai mais não, que o dinheiro é bom, todo dia tem dinheiro no bolso, trabaiou recebeu, todo dia tem. É recebendo e gastano.
CHAPA 02	Eu comecei trabalhar de frentista, aí vim trabalhei de servente, aí trabalhei de chapa, ganhei um dinheirinho a mais e fiquei, aí fiquei trabalhando no ramo.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Com esse grau de estudo seria possível exercer outras profissões como eles mesmos citam, já trabalharam em outras funções, como borracheiro, agricultor, frentista, servente, ajudante de manutenção em tecelagem ou até mesmo com carga e descarga, só que de carteira assinada, mas hoje são chapas. Mas como está exposto na fala do chapa 02: “trabalhei de chapa, ganhei um dinheirinho a mais e fiquei”, dessa forma o que os leva a exercerem a função de chapa é o retorno financeiro ser maior do que o obtido em outras determinadas atividades.

Além do mais, eles gostam do que fazem e tem orgulho de sua profissão, pois ao falarem sobre o que representa para eles ser um chapa, deram as seguintes respostas:

TABELA 04: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

GHAPA 01	Oxente! Representa um orgulho, porque que a gente tem saúde pra trabaiar com peso e é conhecido em todo canto que chega, em todo lugar a gente é conhecido, oh o chapa! Oh os chapa! [...]
CHAPA 04	Pra mim é um trabalho digno como qualquer outro, só que algumas pessoa da classe mais alta acha que não, acha que porque é chapa é muitas vezes é ladrão, outras vezes é traficante, tem uns, tem vários tipos de chapa tem uns que vem trabalhar pra sustentar a família, tem outro que vem pra se drogar aí.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Na fala do chapa 04, ele afirma, que: “Pra mim é um trabalho digno como qualquer outro”, realmente o trabalho dignifica o homem. O chapa é uma pessoa que como qualquer outra que trabalha para honrar seus compromissos, porém mesmo concordando que a atividade deles é digna, deve se lançar um olhar mais aprofundado sobre as condições de trabalho as quais estão submetidos.

A NR 17 é uma norma regulamentadora que reza sobre os princípios da ergonomia. De modo geral, pode-se afirmar que ela visa a estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. Será que as condições de trabalho dos chapas são possíveis de oferecer tais atributos à classe?

Ao observar o trabalho dos chapas é perceptível que as condições não são muito favoráveis para a sua saúde, esse risco é eminente em se tratando do peso excessivo, do contato com produtos diversos, da má alimentação e da falta de descanso adequado. Em relação à quantidade de peso que cada pessoa pega por vez, eles responderam que:

TABELA 05: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	Não, aí depende [...] das condições dele, tem duns afobado, que quer carregar 90 kg, otos que carregar 100, otos carrega 70, [...] um fardo de arroz é 30 kg, então o normal da gente trabaia é com dois, que é 60 né! Mas tem lá afobado que da muitos caminhos com três fardo, otos da com quatro e já vai pa 120 kg [...]
CHAPA 03	60 kg.
CHAPA 04	Ai vai de cada um, né! Porque geralmente a gente se baseia por o peso da gente, né, se pega um peso, mais geralmente aqui vai de cada um, o que queira carregar.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Não há uma uniformidade com relação à quantidade de pesos. Aparentemente, o peso médio utilizado como base é 60 kg, mas nem sempre isso ocorre, tem uns que chegam a pegar 120 kg, fato que traz bastante preocupação, já que esta pessoa pode desenvolver sérios problemas de saúde, se não a curto prazo, mas a longo prazo com certeza vai ter consequências desagradáveis.

Frente à dificuldade em estabelecer pesos limites a serem carregados a NR 17 adota o estabelecido no art. 198 da CLT: “É de 60 kg (sessenta quilogramas) o peso máximo que um empregado pode remover individualmente, ressalvadas as disposições especiais relativas ao trabalho do menor e da mulher”. No item 17.2.2 da NR 17 está explícito que não deverá ser exigido nem admitido o transporte manual de cargas, por um trabalhador cujo peso seja suscetível de comprometer sua saúde ou sua segurança. Confrontada esta regra com o cotidiano dos chapas encontra-se que a maioria deles não obedece a um limite de peso padrão e adotam práticas que irão ocasionar riscos à saúde.

Além disso, outro ponto que oferece riscos ao bem-estar da categoria em estudo é a falta do uso de equipamentos de segurança, fato que os expõe rotineiramente ao perigo de sofrer acidentes ou adquirir doenças. Em se tratando de EPI's eles afirmam que:

TABELA 06: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	Não. Num tem [...] ninguém trabaia de capacete porque num guenta, pega peso na cabeça porque o capacete desce. De bota num tem condições, calça cumprida num presta pra trabaiair também, então num tem essa segurança, a segurança é só o coidado mesmo, presta atenção onde é que pisa, só isso.
CHAPA 02	Tem não. Nós num tem não. Equipamento de segurança nois num tem não.
CHAPA 04	Aqui é porque são varias coisa, por exemplo se a gente for trabalhar com caixaria, ai já num tem nada, né, num precisa, se for trabalhar fazendo milho, [...] ai precisa de luva, precisa de óculos, precisa de a máscara mode o pó [...]

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Ao se tratar da definição dos EPI'S, Paulo e Alexandrino (2011, p.300), definem Equipamento de Proteção Individual “como todo dispositivo ou produto, de uso individual, utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho”. Vê-se, assim, que a falta dos EPI's os deixa em contato com diversas substâncias os submetendo a riscos e os deixando suscetíveis a ameaças a sua segurança e saúde no trabalho.

No quesito segurança, houve uma contradição nas informações coletadas. Dos quatro entrevistados, apenas um afirmou o uso de EPI's, porém ao analisar a fala do chapa 01 percebe-se que para ele o uso desse equipamento pode dificultar a execução da tarefa, enquanto o chapa 04 acredita que o seu uso deve ser feito de acordo com o tipo de mercadoria a ser descarregado. Esse confronto de ideias mostra que na realidade o uso dos EPI's pelos chapas acontece de acordo com visão de cada um, tem uns que veem isso como forma de proteção e outros como redutores de desempenho.

Mesmo ganhando um valor considerável como foi até citado em alguns trechos das entrevistas coletadas, foi se mais a fundo para identificar se esse trabalho é capaz de garantir a dignidade humana dessas pessoas. Para tanto foi feita a seguinte indagação: A remuneração que você consegue ganhar com a profissão de chapa é suficiente para garantir o mínimo existencial, ou seja, saúde, educação, alimentação, moradia e lazer, para você e sua família? As respostas obtidas foram as seguintes:

TABELA 07: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 01	Hoje num dá mais não que é como eu te falei: fracou muito, mas antigamente dava, e ainda dá com cuidado dá, se a pessoa não gastar o que num ganha né? Que hoje todo ganho hoje, cê pode ganhar cinco mil reais, se você não souber aplicar ele, num souber fazer, cê passa fome.
CHAPA 02	Rapaz dizer que dá tudo, é num, é pouco, mas a minha família da pra mim ir levando, da pra mim ir levando um, levando a vida.
CHAPA 03	Mas ou menos, num é nada demais não, mas dá pra ir levando. [...] É, dá pra passar.
CHAPA 04	Ai vareia, [...] tem as etapas, tem o tempo, geralmente assim de janeiro até março é ruim, é fraco, [...] mas quando passa de abril, maio até dezembro, se for pra, se for, se você for pra ter uma responsabilidade pra assumir tudo isso ai dá, num dá totalmente, totalmente pra tirar tudo não, mas dá um pouquim daqui, um pouquim dali, dá pra se virar.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Nota-se que o ganho como chapa vem reduzindo ao longo dos tempos. Segundo um dos entrevistados um dos fatores que contribuem para isso é que alguns armazéns já possuem turmas de “chapriados” certas para trabalhar com a descarga dos seus produtos, barrando assim a presença de novos entrantes. Existe também a questão temporal, em alguns períodos do ano a demanda por seus serviços caem consideravelmente, sendo assim nesses períodos fica mais difícil se manter com o dinheiro advindo do trabalho de chapa.

Mesmo com todo esforço feito para oferecer o máximo possível à família, fica visível que a renda adquirida não é capaz de garantir a satisfação de todas as necessidades, mas, além disso, outro ponto que merece atenção é a forma como o trabalho do chapa é visto pela sociedade, em alguns trechos das entrevistas fica claro que as pessoas não os dão o devido respeito.

Quem se beneficia do trabalho do chapa? É só o empresário? Não. É só o caminhoneiro? Não. É toda a sociedade de Picos e das cidades da macrorregião que abastecem seu mercado com produtos oriundos do município de Picos, pois são eles, os chapas, os responsáveis por descarregar e armazenar aquele produto, para que a partir dali eles sejam distribuídos para o consumidor.

Se o chapa realiza uma tarefa tão importante para o pleno desenvolvimento da sociedade, por que ele não é um profissional digno de respeito como qualquer outro? Talvez uma “justificativa” para isso se encontre na seguinte fala: “algumas pessoa da classe mais alta

acha que não, acha que porque é chapa é muitas vezes é ladrão, outras vezes é traficante, tem uns, tem vários tipos de chapa, tem uns que vem trabalhar pra sustentar a família, tem outro que vem pra se drogar aí”.

O próprio chapa tem consciência da importância do seu trabalho, como também da desvalorização do seu serviço frente à sociedade, como mostra a fala do chapa 04 a seguir:

TABELA 08: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

CHAPA 04	[...] pra muita gente, a classe da gente é tem uma, representa pra eles nada, nada, [...] se não fosse a gente, não, sem a gente não dá pra fazer tudo, faz, mas não tudo, sem o braçal não dá, então no caso o braçal, é o chapa [...]
----------	---

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

Sendo assim, depois de toda essa discussão, conclui-se que os chapas são uma categoria de profissionais que tem sua importância dentro do ciclo de funcionamento do mundo capitalista, porém a remuneração que recebem e as condições de trabalho às quais estão submetidos não garantem o mínimo existencial, nem uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado sobre os chapas do município de Picos/PI trouxe à tona discussões críticas e relevantes a respeito de trabalhadores que estão inseridos em um contexto que requer um olhar mais humanizado por parte de toda a sociedade.

O artigo levantou muitas informações a respeito de uma classe pouco percebida diante da sociedade, pessoas que contribuem diretamente para o pleno funcionamento do comércio local e da macrorregião e não tem o devido reconhecimento e respeito pelo trabalho realizado.

As informações adquiridas por meio das entrevistas deixaram claro, que apesar de terem um baixo índice de escolaridade, esse não é o fator primordial para que optem por esta profissão, inclusive eles já estiveram inseridos no mercado exercendo outras funções com carteira assinada, como frentista, por exemplo, ou até mesmo descarregadores, porém seus relatos afirmam que trabalhando como chapa eles chegam a ter um retorno financeiro maior, sendo este o fator que os induz a optar por este tipo de trabalho.

A categoria de trabalhadores em estudo ajuda as empresas a reduzirem seus custos, pois esta falta de vínculo empregatício termina retirando da organização a obrigação de arcar com os direitos trabalhistas, é muito mais barato pagar por uma descarga de mercadorias a um trabalhador eventual do que ter um funcionário com carteira assinada para exercer tal função, ao passo que, para este último, além do salário mensal, teria que cumprir com todos os direitos que a lei lhe assegura.

Através do estudo, comprovou-se que as condições de trabalho às quais os chapas estão submetidos não estão de acordo com suas condições psicofisiológicas, e eles, por sua vez, é que estão se adaptando as exigências do trabalho, quando a NR 17 diz que tem que ser o contrário. Os excessos cometidos em relação ao horário e ao peso acabam acarretando problemas de saúde tanto a curto quanto em longo prazo e dependendo da gravidade pode acabar reduzindo a força de trabalho dessas pessoas.

O chapa é um trabalhador eventual, ou seja, não tem vínculo empregatício, mesmo assim ao fazer carga e descarga de mercadorias de caminhões de diferentes motoristas e ainda de diferentes empresas, sem a devida fixação, poderiam ter EPI's (cedidos pelas empresas e motoristas) para trabalhar com mais segurança e evitando, assim, ameaças a sua segurança e saúde.

Outro ponto percebido é que eles não recebem por parte da sociedade o devido respeito que merecem. Como em toda classe trabalhadora existem pessoas com boas e outras com más intenções; isso não está restrito apenas à classe dos chapas, afinal não se pode esquecer a presença dos pais de família que estão ali, para trabalhar e dar uma vida digna a seus familiares.

A renda arrecadada por meio do trabalho como chapa não é capaz de garantir o mínimo existencial, ou seja, saúde, moradia, educação, alimento e lazer para o trabalhador e sua família. Porém é perceptível o brilho no olhar quando ao ser indagados sobre isso, eles respondem tão orgulhosos que apesar das dificuldades sempre dão um jeito de oferecer o máximo que podem para seus familiares.

Como frutos desta análise foram levantados diversos questionamentos relevantes em relação à profissão do chapa, onde alguns foram refletidos de forma mais aprofundada, como a questão das condições de trabalho e da qualidade de vida, com base nos princípios ergonômicos e sob a luz da dignidade humana.

Porém este trabalho não é de cunho conclusivo, ou seja, não tem um caráter finalista, representa apenas o despertar de um olhar crítico sobre a realidade do chapa e funciona como forma de instigar outras pessoas a se aprofundarem no assunto.

## **REFERÊNCIAS**

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Campus, 2005.

DUAL, Jan e WEERDMEEESTER, Bernard. **Ergonomia prática**. 2ª ed. São Paulo: Blucher, 2004.

IIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

JACINTHO, Jussara Maria Moreno. **Dignidade humana: princípio constitucional**. São Paulo: Juruá, 2006.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MARTINS, Sergio Pinto, **Direito do trabalho**. 19 ed. - São Paulo: Atlas, 2001.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MORAES, Maria Celina Bodin de. **Na medida da pessoa humana: estudos de direito civil**. Rio de Janeiro: Renovar, 2010.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Curso de direito do trabalho: relações individuais e coletivas do trabalho**. 28 ed. - São Paulo: Saraiva, 2013.

NUNES, Rizzatto. **O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: doutrina e jurisprudência**. São Paulo: Saraiva, 2002.

PAULO, Vicente de; ALEXANDRINO, Marcelo. **Manual de Direito do Trabalho**. 15<sup>a</sup>, São Paulo, método, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manual de Direito do Trabalho**. 17 ed. - São Paulo: Método, 2013.

ROSENVALD, Nelson. **Dignidade humana e boa fé no código civil**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SANTOS, Marcia Cristina dos. **A aplicabilidade do princípio da dignidade da pessoa humana na relação de emprego**. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 98, fev 2012. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11169&revista\\_caderno=25](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11169&revista_caderno=25)>. Acesso em: 10. ago. 2014.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. 9. ed. rev. atual. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.

VELASCO, H. ; DÍAZ DE RADA, A. **La lógica de la investigación etnográfica**. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Trotta, 1997.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projeto e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

## **APENDICE I - Roteiro de Entrevistas com os Chapas**

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AOS CHAPAS DA CIDADE DE  
PICOS-PI

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Qual a sua escolaridade?
- 3- Há quanto tempo você trabalha como chapa?
- 4- Você já exerceu outra profissão antes?
- 5- O que lhe levou a trabalhar como chapa?
- 6- Quem costuma contratar seus serviços? E como essa negociação ocorre?
- 7- Você considera que passa por algum tipo de risco no seu trabalho? Qual ou quais?
- 8- Quantos dias você trabalha por semana?
- 9- Quantas horas você trabalha por dia? Possui intervalo para descanso?
- 10- Existe um limite de pesos que cada profissional pode transportar de uma só vez?
- 11- Quais seus equipamentos de trabalho? Você utiliza equipamentos de segurança? Quais?
- 12- Durante esses anos, trabalhando como chapa, você já adquiriu alguma doença causada pelas suas condições de trabalho?
- 13- Você gosta de trabalhar como chapa? Por quê?
- 14- Para você, o que representa ser um chapa?
- 15- Você é feliz com o trabalho que desempenha?
- 16- A remuneração que consegue ganhar com a profissão de chapa é suficiente para garantir o mínimo existencial, ou seja, saúde, educação, alimentação, moradia e lazer, para você e sua família?

## **APENDICE II - Entrevista com os Chapas**

## ENTREVISTA AO CHAPA 1

**Pesquisadora:** Primeiramente boa tarde!

**Chapa 01:** Boa tarde!

**Pesquisadora:** Qual o nome do senhor?

**Chapa 01:** Geovane Manoel Soares.

**Pesquisadora:** Qual é a sua idade?

**Chapa 01:** 58 dentro dos 59.

**Pesquisadora:** E a sua escolaridade?

**Chapa 01:** Rapaz eu sei ler uma carta, eu faço ota e tudo, mas ai oitava, estudo eu nunca tive, toda vida fui da roça, do serviço pesado, mas pa desenrolar meus serviçim eu leio uma carta eu faço ota, eu pego uma nota de um motorista, uma coisa, pa meu uso, mas num teum grau de estudo. Num tem que no meu tempo num tinha, num era na época de hoje que todo mundo estuda e forma e tudo, então eu sou desse tempo ainda.

**Pesquisadora:** O senhor já exerceu outra profissão antes de ser chapriado?

**Chapa 01:** Já trabalhei muito de borracheiro também, burracheiro.

**Pesquisadora:** Só de borracheiro?

**Chapa 01:** E mais meu desgastamento mesmo é a roça. Mas ai quando eu vim aqui pa Picos em 73 ai comecei trabalhar de borracheiro, ai de 2003 pra cá ai meu ramo é chapa. No inverno na roça e é correndo da roça pra cá e no verão é aqui, num tem o que fazer na roça não. É trabalhando de chapriado mesmo, é.

**Pesquisadora:** O senhor já é, já teve outra profissão antes? No caso foi isso que o senhor disse, né? É, perai, a quanto tempo o senhor trabalha como chapa?

**Chapa 01:** A 23 anos, foi de 93 pra cá, 93 pra cá da o que, dá 90 pra 2014 da 24, 93, foi de 93 pra cá, faz a soma o que é que da.

**Pesquisadora:** O que levou o senhor a trabalhar como chapriado?

**Chapa 01:** É porque eu achei bom ganhar dinheiro e nesse tempo dava mesmo como ainda hoje da, da mais fraco mais antigamente era bom, ai dei fé entrei no mei dos outro e quem entra lá num sai mas não, que o dinheiro é bom, todo dia tem dinheiro no bolso, trabaiou recebeu, todo dia tem. É recebendo e gastano.

**Pesquisadora:** Quem costuma contratar os serviços do senhor?

**Chapa 01:** Rapaz, eu mesmo posso bem dizer que eu sou chefe de turma, porque eu já tenho minha freguesia, ta com muitos ano, eu tenho minha freguesia ai quando ligam pra mim, sempre tem muito ligação.

**Pesquisadora:** Mas quem liga pro senhor, é os empresários ou os caminhoneiros?

**Chapa 01:** As vezes vem ligação, as vezes vem do escritório, as vezes: “oia vai um carro prai, vai pa Picos toma de conta”, as vezes não, é o motorista liga da estrada, já liga da estrada e a gente já fica esperando, oh vou entrar amanhã, vou entrar adepois, que é aqui na cidade né, ai a gente faz, essa região daqui é Santo Antônio, Chico Santo, é Oeiras, Simplício Mendes, todo canto a gente anda.

**Pesquisadora:** Ai como é que ocorre a negociação? Eles ligam ai dizem a quantidade da carga e quantas pessoas precisa?

**Chapa 01:** Não, Não. A quantidade do pessoal quem bota é a gente, é as vezes se a carga é uma carga boa, num lugar bom de descarregar, a gente travaia com três, com quatro, quando a carga é mais, as vez vem com 50.000 kg, vem com 54, vem com 60, a gente bota 5 homi, bota 6, o motorista num exige o tanto, quem marca é a gente, as vez a gente ta três, quatro, cinco, a gente ta em sete ali no banco ali, ai entra uma carreta daquela ai bora todo mundo pra todo mundo descolar, né, num tem serviço certo, bora todo mundo descolar, é na união né,

**Pesquisadora:** Humrum.

**Chapa 01:** É na união, é desse jeito.

**Pesquisadora:** Graças a Deus.

**Chapa 01:** Se um num sabe as vez caba liga pra mim a vez aqui de noite, as vez já to té deitado caba me liga ai eu vo aviso: “Ei Buriti, amanhã de manhã tem serviço. Luiz preto, amanhã de manhã tem serviço. Almir, amanhã de manhã tem serviço. Carlim, amanhã de manhã tem serviço”. Todo mundo já vem sabendo, já. Num venha pro junco não que é lá po junco, é lá po centro me espera lá embaixo, é tudo assim combinado sabe! A gente avisa um outro. É.

**Pesquisadora:** É tem uma união. Né!

**Chapa 01:** É.

**Pesquisadora:** Você considera que passa por algum tipo de risco no trabalho?

**Chapa 01:** Ah, mais risco e é grande, só em a gente viajar, arriscar um acidente na estrada, cê ta em cima duma carga, as vez você pode deslizar em cima duma carga, uma corda quebra, uma coisa, que tem carrada que é alta pra você começar, se cai de cima pra baxo acontece, da acidente, acontece. Já tem pacero meu mermo ai que passou foi tempo usano remédio com um quarto dermantelado. As vez o caba pisa enfalço também eu mesmo ói, isso aqui foi uma queda que eu levei chega os cabelo é branco, levei uma queda com dois fardo de arroz, ali naquele Vipal ali naquele Risalvo onde cobre pneu, nesse tempo era Atacadão Leal ali, ai eu pisei num papel lá no chão liso ai escuregou, marminino eu dei que passei com dois fardo de

arroz, 60 kg na cabeça, ai é coisa que acaso, que a gente sabe que todo serviço é ponto de acidente, né!

**Pesquisadora:** Com certeza.

**Chapa 01:** Todo serviço é ponto de acidente, então a gente tem que ter muito é cuidado, né!

**Pesquisadora:** Quantos dias o senhor trabalha por semana?

**Chapa 01:** Ah as vez, a gente só num vai no sábado, no sabu eu num piso ali no banco não, mas as vez a gente trabaia segunda, terça, quarta, quinta e tem vez que trabaia dois dia da semana, é variado, tem semana que é ferrada, mas tem outas que num da não.

**Pesquisadora:** E por dia quantas horas tem um algum, um?

**Chapa 01:** Ah não, ai agora é quando pega um serviço grande é pesado, tem vez que o caba começa 7: 30, termina 5, 6, 7 da noite, é assim.

**Pesquisadora:** E o intervalo de descanso? Como é?

**Chapa 01:** Num tem, Num tem que é na produção, num tem intervalo não.

**Pesquisadora:** Só quando termina?

**Chapa 01:** As vez a gente para mei dia pra almoçar, as vez combina: “não ninguém vai parar pra almoçar não, ramo acabar é com isso logo”, ai a gente leva direto a mei dia, termina uma hora, duas hora, três hora é assim, depende da carga e do lugar, que tem lugar que é bom, tem lugar que é ruim, É.

**Pesquisadora:** Existe um limite de peso que cada, cada chapriado pode pegar?

**Chapa 01:** Não, ai depende da, comê que se diz? Depende das condições dele, tem duns afobado, que quer carregar 90 kg, otos que carregar 100, otos carrega 70, porque vamo supor: um fardo de arroz mermo, um fardo de arroz é 30 kg, então o normal da gente trabaia é com dois, que é 60 né! Mas tem lá afobado que da muitos caminhos com três fardo, otos da com quatro e já vai pa 120 kg, ai depende do afobo, do mais novo, de quem, da foba né, eu só mais do que tu, ai quer levar num é! É tem uns afobento.

**Pesquisadora:** Quais os equipamentos de trabalho que o senhor utiliza?

**Chapa 01:** Não. Num tem que a gente num trabaia calçado porque é ruim pa subir em carro, vc de bota essas coisa num tem, ropa cumprida, camisa manga cumprida também num presta que a gente soa muito tem que ficar com o braço livre né, a gente trabaia de bermuda, é camiseta.

**Pesquisadora:** Tem algum equipamento de segurança?

**Chapa 01:** Não. Num tem, equipamento de segurança num tem porque é que nem eu acabei de falar, ninguém trabaia de capacete porque num guenta, pega peso na cabeça porque o capacete desce. De bota num tem condições, calça cumprida num presta pra trabaiair também,

então num tem essa segurança, a segurança é só o cuidado mesmo, presta atenção onde é que pisa, só isso.

**Pesquisadora:** É, durante esses anos trabalhando como chapa o senhor já adquiriu alguma doença por conta das condições de trabalho?

**Chapa 01:** Não, afirmo que não, só mesmo essa pancada aqui mesmo, as vez a gente conde bate assim a carga, que bater a carga é quem ta em cima da carreta pa bater pros outros né, as vez cê da uma dozinha na coluna um dia, uma coisa, mas toma um diclofenaco uma coisa, com dois dia ta bom.

**Pesquisadora:** Já vai é trabalhar de novo né?

**Chapa 01:** Já vai é trabaia de novo, é.

**Pesquisadora:** O senhor gosta, é feliz com esse trabalho de chapa? Por quê?

**Chapa 01:** É bom por que a gente num é empregado, num é empregado, num se, se disser assim o dia amanhecer e tiver chovendo, ninguém, se disser assim eu num vou, ninguém me grita, né! E terminou o dinheirim ta na mão, e eu gostei é muito mior que certos emprego que tem ai, as vez acontece você ganha quatrocentos, quinhentos por semana, trezentos e tanto, seiscentos, termina o mês cê ta com dois mil, dois e quinhentos, você num faz é juntar mais, mais sempre tem um dinherim.

**Pesquisadora:** Da pra ganhar um dinherim bom, né?

**Chapa 01:** Dá, o dinherim extra, agora ta mei fraco, que tem muita armazém que a gente de fora num trabaia já tem a turma da casa, P da Silva ele mesmo tem um bucado de gente que já é da casa, aqui em cima tem o Vitória aqui que o armazém, nos ganhemo muito dinheiro lá, mas já tem a turma que é da casa, então já diminuiu muito o ganho da gente, mas sempre dá, sempre dá, é um ganhim que dá.

**Pesquisadora:** Pro senhor o que é que representa ser um chapa?

**Chapa 01:** Oxente! Representa um orgulho, porque que a gente tem saúde pra trabaia com peso e é conhecido em todo canto que chega, em todo lugar a gente é conhecido, oh chapa! Oh os chapa! Então o chapriado é uma turma que é descontrolado, tem nego que bebe muito, são descontrolado mais, eu acho um orgulho chapriado, porque é um serviço pesado, né pa todo mundo não. Tem nego que entra mais sai.

**Pesquisadora:** é um dinheiro...pois é!

**Chapa 01:** Tem nego que trabaia um dia, no oto dia eu vou mais nada rapaz, issé serviço pa doido.

**Pesquisadora:** Num aguenta o rojão!

**Chapa 01:** Tem que treinar, a gente tem que se basear no pescoço mermo e... oi cerâmica isso aqui, isso aqui é muleca pesada, cê rodar com duas caixa o dia todim, uma carreta vem com 60.000 mil kg, 65, 70 tonelada, é muito, uma bitremzona daquela pa cinco homi carregar na cabeça, cinco não, três, que um fica lá tirando da cabeça pa arrumar, fazer o lote, e outro fica em cima da carreta batendo, então pa rodar só é três, três homi pra rodar 60.000 kg de piso, sai três, sai 20 mil kilo pa cada um né.

**Pesquisadora:** Hunrum.

**Chapa 01:** O caba começar oito hora quando for três, quatro da tarde tem terminado, é rojão. Quantas caminhada cê num dá?

**Pesquisadora:** Pois é.

**Chapa 01:** Quantas caminhada cê num dá? Quantas passada cê num dá? Cê carregar três mil caixa assim as vez, uma pessoa.

**Pesquisadora:** E pega um peso.

**Chapa 01:** Uma pessoa sozinha carregasse mil caixa, quantos camim ele num dá? Pra levar de duas caixa, é 500 passadas que ele dá, é.

**Pesquisadora:** Quinhentas ida e vinda.

**Chapa 01:** É quinhentas passada pa ir e pa vim, que ele vai com a mercadoria e vem seco né buscar.

**Pesquisadora:** Pois é.

**Chapa 01:** Ai é pesado.

**Pesquisadora:** É, a remuneração que o senhor consegue ganhar com a profissão de chapa é suficiente pra garantir o mínimo existencial saúde, moradia, educação, lazer e alimento pro senhor e pra sua família?

**Chapa 01:** Dá. Hoje num da mais não que é como eu te falei fracou muito, mas antigamente dava, e ainda dá com cuidado dá, de não a pessoa gastar o que num ganha né? Que hoje todo ganho hoje, cê pode ganhar cinco mil reais, se você não souber aplicar ele, num souber fazer, cê passa fome.

**Pesquisadora:** Dinheiro achou gastou.

**Chapa 01:** Que a pessoa confia que ganha muito, gasta muito, é que nem eu acabei de te falar tem chapa que a gente arruma uns R\$ 150,00 por dia 180, as vez até 200, ai tem nego que sai 4 hs de tarde do serviço pra casa, no ota dia de manhã num manhece nem cum um real pa tomar um café, que gasta todinho com cerveja, com coisa e tal, e é jogo, e é a zona por ai, quer dizer que é o seguinte ai caba num sabe nem o que é que ganha por mês e nem sabe o que é que gasta, por que, mas eu graças a Deus.

**Pesquisadora:** Pro senhor e sua família dá né?

**Chapa 01:** Graças a Deus! Até hoje ta, tamo tendo as coisinha dento de casa, tem minha motinha benhai dento enrolada, zeradinha, graças a Deus e eu agradeço o, a peda, nos chama é a peda, a peda e coidado também, que também eu num gasto a toa, agora eu já to é saindo do ramo, chegando 60 ano.

**Pesquisadora:** Agora o senhor aposenta pelo INSS mesmo, né, o normal?

**Chapa 01:** Não, eu quero entrar pela roça, se Deus quiser, eu trabaio, tenho roça também.

**Pesquisadora:** É pro senhor é bom já tem roça, ai já tem o comprovante de agricultor, trabalhador rural.

**Chapa 01:** Todo ano eu pranto. E é corro lá, corro pra cá, agora em julho que vem se Deus quiser eu completo 60 anos e eu quero botar os meus papel por a roça.

**Pesquisadora:** Ta certo.

**Chapa 01:** Mais o fole da peda, se eu pegar uma carradinha maneira ainda, eu ainda vou.

**Pesquisadora:** Vai mesmo?

**Chapa 01:** Não, ali no mei da galera ali é bom, é bom, é, é bom, é.

**Pesquisadora:** A gente vê que tema assim um vinculo, já de amizade entre vocês. Aqueles que tavam lá com o senhor, já tem mais ou menos quanto tempo que trabalham juntos.

**Chapa 01:** Ali tem um mais vei de que eu na peda e é muito, tem nego ali com trinta ano, com trinta e cinco ano de peda, tem. Nam, eu num to te falando é ai é igualmente boca de fumo o caba entrou num quer sair mais não.

**Pesquisadora:** Risos.

**Chapa 01:** É bom, no dia que num trabaia é a fofoca naquele banco sentado ali.

**Pesquisadora:** Tem pelo menos com quem conversar.

**Chapa 01:** Nam ali é uma fofoca doida, um fala da vida do oto, um fala do passado do oto, é rapaz, é divertido, é bom. A gente viajando é bom, a gente viaja assim, em cinco, em quato, pega assim uma carrada de arroz, uma carrada qualquer a gente viaja, né. Campo Maior, até Campo Maior nois já fumo, já fui muito. Floriano, tinha vez que nois ia duas vez por semana em Floriano. Oeiras, Simplício Mendes, São João do Piauí, vixe. Hoje eu deixei de viajar mais porque, também já to vei também, a mulher também briga: “rapaz, num tem mais fi pa da leite não”. Ai eu to pegando mais leve.

**Pesquisadora:** Ta certo.

**Chapa 01:** Eu to pegando mais leve.

**Pesquisadora:** Pois pronto, era basicamente isso, muito obrigada!

**Chapa 01:** De nada! Precisano, to as orde.

**Pesquisadora:** Ta certo.

**Chapa 01:** quer cumer um docim e beber água?

## **ENTREVISTA AO CHAPA 2**

**Pesquisadora:** Bom dia

**Chapa 2:** Bom dia

**Pesquisadora:** Meu nome é Trindade sou da Universidade Federal to fazendo o trabalho de conclusão do curso sobre o trabalho dos chapas. Qual o nome do senhor?

**Chapa 2:** Carlos Alberto da Silva

**Pesquisadora:** Qual é a sua idade?

**Chapa 2:** Quarenta e dois anos

**Pesquisadora:** Sua escolaridade?

**Chapa 2:** 4ª Série

**Pesquisadora:** Há quanto tempo o senhor trabalha como chapa?

**Chapa 2:** vinte anos

**Pesquisadora:** Você já exerceu outra função antes?

**Chapa 2:** Já trabalhei de frentista, trabalhei de servente e... só.

**Pesquisadora:** Certo, é o que levou o senhor a trabalhar como chapa?

**Chapa 2:** Eu comecei trabalhar de frentista, ai vim trabalhei de servente, ai trabalhei de chapa, ganhei um dinheirinho a mais e fiquei, ai fiquei trabalhando no ramo.

**Pesquisadora:** Dava pra ganhar mais dinheiro do que as outras profissões, né?

**Chapa 2:** Dava pra ganhar mais dinheiro do que as outras profissões, que de frentista e de servente de pedreiro.

**Pesquisadora:** É... o que lhe levou a trabalhar no caso como chapa, como o senhor já disse seria porque da pra ganhar um pouco mais?

**Chapa 2:** É

**Pesquisadora:** Ta certo. Quem costuma contratar os serviços do senhor?

**Chapa 2:** É os caminhoneiros que vem de fora, contrata com a gente, a gente acerta com ele, pessoal, os caminhoneiros de fora, de outra região, de outra cidade..

**Pesquisadora:** Então a negociação é por telefone, ai vocês chamam os outros divide?

**Chapa 2:** É por telefone, é no nosso ponto que fica ai (gesticula acenando para o banquinho que fica na beira da Av. Senador Helvídio Nunes), eles ligam pra nois, a gente reúne os que trabalha com nois, ai vamo trabalhar.

**Pesquisadora:** Ta certo, o senhor considera que passa por algum tipo de risco no seu trabalho?

**Chapa 2:** Passa.

**Pesquisadora:** Quais seriam os principais?

**Chapa 2:** É.. tem vez que gente vai viajar, viaja e tem os lote muito alto que a gente faz, tem medo de cair em cima da gente, e serviço de descarregador de caminhão tem um bucado de risco.

**Pesquisadora:** Quantos dias da semana o senhor trabalha?

**Chapa 2:** Quatro dias, cinco dias, seis, vai depender do da semana que nos trabalha que nos trabalha autônomo, a semana é que a gente trabalha.

**Pesquisadora:** O horário também depende do tamanho da carga, é?

**Chapa 2:** É... depende do tamanho da carga, hoje é o seguinte vai começar sete hora, mas a gente termina duas da tarde, três da tarde, tem vez que vai, quando a gente começa tarde vai dez da noite, num tem horário certo pra nós não.

**Pesquisadora:** E descanso como é?

**Chapa 2:** O descanso é... quando num tiver serviço no dia, descansa em casa, quando tem num descansa, fica sem descansar.

**Pesquisadora:** A questão do peso, vocês tem um cuidado de cada um pegar só o peso que acha que não vai dar nenhum problema de saúde?

**Chapa 2:** Oh peso é o seguinte: a gente dependendo do...pega 60 kg, 90 kg.

**Pesquisadora:** Qual a maior quantidade de peso que o senhor já pegou?

**Chapa 2:** 120 kg

**Pesquisadora:** Certo, é... quais os equipamentos de trabalho que o senhor usa?

**Chapa 2:** (pensativo) nenhum, só mesmo as mãos só, não tem outro equipamentos mesmo. É a máscara, luva, num tem.

**Pesquisadora:** então vocês não usam nenhum equipamento de segurança?

**Chapa 2:** Tem não. Nós num tem não. Equipamento de segurança nois num tem não.

**Pesquisadora:** Durante esses anos trabalhando como chapa o senhor já adquiriu alguma doença, coluna, alguma coisa por conta do trabalho?

**Chapa 2:** Não. Até agora graças a Deus não.

**Pesquisadora:** O senhor gosta de trabalhar como chapa? É feliz? Por quê?

**Chapa 2:** Gosto, gosto de trabalhar como chapa.

**Pesquisadora:** Pro que que é.. esse trabalho dá uma satisfação pro senhor?

**Chapa 2:** Por que é um trabalho que é digno, é um trabalho suado, e aqui nesse serviço aqui muita gente pensa que é abaixo de outros que tem por ai, mas esse serviço aqui é muito é digno, é um serviço que a gente ganha mais ou menos, da pra ganhar um mais ou menos uns dois salários mínimos.

**Pesquisadora:** Ta certo, é... Pro senhor o que representa ser um chapa?

**Chapa 2:** Pra mim representa é, tudo.

**Pesquisadora:** O dinheiro que o senhor ganha aqui dá pra se ter o mínimo existencial é, que a gente precisa, saúde, educação, lazer, moradia tanto pro senhor quanto pra sua família?

**Chapa 2:** Rapaz dizer que da tudo, é num, é pouco, mas a minha família da pra mim ir levando, da pra mim ir levando um, levando a vida.

**Pesquisadora:** Tem o básico, né, que a gente precisa?

**Chapa 2:** É tem o básico, o dinheiro é, da pra levar com outros serviço braçal, sei que da pra levar.

**Pesquisadora:** Arranja outros bicos, complementa, né até dar.

**Chapa 2:** É verdade, é.

**Pesquisadora:** Ta certo... muito obrigado, bom trabalho.

**Chapa 2:** Brigado você.

### ENTREVISTA AO CHAPA 3

**Pesquisadora:** Boa tarde!

**Chapa 3:** Boa, boa tarde!

**Pesquisadora:** Meu nome é Trindade, eu sou da Universidade Federal do Piauí, to fazendo um trabalho de conclusão do curso e to tentando mostrar, é, o trabalho dos chapas pra sociedade. Qual o nome do senhor?

**Chapa 3:** Odair José.

**Pesquisadora:** Seu Odair qual é a sua idade?

**Chapa 3:** 40 anos.

**Pesquisadora:** A sua escolaridade?

**Chapa 3:** Quarta série.

**Pesquisadora:** O senhor já teve outra profissão antes de ser chapa?

**Chapa 3:** Já.

**Pesquisadora:** Qual?

**Chapa 3:** Eu fui ajudante de manutenção em tecelagem.

**Pesquisadora:** Certo. E há quanto tempo o senhor trabalha como chapa?

**Chapa 3:** 19 anos.

**Pesquisadora:** Quem costuma contratar os serviços do senhor?

**Chapa 3:** Casa das sacarias, Raimundo Luz, Otílio Rodriguez.

**Pesquisadora:** Então no caso o senhor fala direto com os empresários ou com os motoristas do caminhão?

**Chapa 3:** Eles é quem chama a gente.

**Pesquisadora:** O próprio empresário?

**Chapa 3:** Sim o próprio empresário liga pra gente, ai a gente vai.

**Pesquisadora:** Ta certo. Ai essa negociação ele liga pra um, os outros chamam, como é que acontece?

**Chapa 3:** A negociação é lá na hora do serviço, a gente trabalha é por tonelada, no caso a gente ganha, você descarrega 1000 kg, você ganha 15 reais.

**Pesquisadora:** Certo. É, você considera que passa por algum tipo de risco no trabalho, risco de acidentes, essas coisa?

**Chapa 3:** Não, normal, é um trabalho normal.

**Pesquisadora:** Quantos dias o senhor trabalha por semana?

**Chapa 3:** Tem semana que é todo dia, tem semana que é dois dias, três dias.

**Pesquisadora:** Quantas horas por dia?

**Chapa 3:** Depende da carrada, três horas, quatro horas de relógio.

**Pesquisadora:** Certo. E o descanso como é que funciona?

**Chapa 3:** Só a noite.

**Pesquisadora:** Existe um limite de peso que cada profissional pode transportar de uma só vez, ou pega o tanto que quiser?

**Chapa 3:** 60 kg.

**Pesquisadora:** Certo. Quais são os equipamentos de trabalho que o senhor utiliza?

**Chapa 3:** Num tem nenhum equipamento não, só o braçal mesmo, serviço braçal.

**Pesquisadora:** Tem algum equipamento de segurança?

**Chapa 3:** Nenhum, nenhum equipamento.

**Pesquisadora:** Durante esses anos trabalhando como chapa o senhor já adquiriu alguma doença por conta das condições, por conta do peso?

**Chapa 3:** Já.

**Pesquisadora:** O que foi?

**Chapa 3:** Problema de coluna.

**Pesquisadora:** Certo. O senhor gosta de trabalhar como chapa é feliz trabalhando como chapa?

**Chapa 3:** É bom, gosto, “tem casamento ai hoje”, gosto.

**Pesquisadora:** É, pra o senhor o que representa ser um chapa?

**Chapa 3:** É bom, eu dando comida a família, ta bom demais.

**Pesquisadora:** A remuneração que o senhor ganha trabalhando como chapa da pra garantir o mínimo existencial, saúde, educação, moradia, lazer, pro senhor e pra sua família?

**Chapa 3:** Mas ou menos, num é nada demais não, mas da pra ir levando.

**Pesquisadora:** Da pra passar né? Com o básico.

**Chapa 3:** É, da pra passar.

**Pesquisadora:** Pois eram só essas as perguntas, eu agradeço e tenha um bom trabalho.

**Chapa 3:** Pra você também e obrigado.

**Pesquisadora:** De nada.

#### **ENTREVISTA COM CHAPA 4**

**Pesquisadora:** Boa tarde!

**Chama 4:** Boa tarde!

**Pesquisadora:** Meu nome é Trindade eu sou da Universidade Federal do Piauí, to fazendo um trabalho tentando mostrar pra sociedade o trabalho dos chapas. Qual é o nome do senhor?

**Chama 4:** Marcos Antônio

**Pesquisadora:** Qual a sua idade?

**Chama 4:** Trinta e quatro.

**Pesquisadora:** É e sua escolaridade?

**Chama 4:** Ensino fundamental incompleto.

**Pesquisadora:** Há quanto tempo o senhor trabalha como chapa?

**Chama 4:** Assim eu trabalho assim, por que eu já trabalhei fichado, ai quando eu saio de algum serviço eu venho pra cá, quando eu arrumo volto ai fica nisso, mas eu num só fixo, fixo, totalmente é chapa não.

**Pesquisadora:** Então o senhor já exerceu outras profissões e ainda exerce, né?

**Chama 4:** Já, já sim.

**Pesquisadora:** Quais, o senhor já trabalhou com que?

**Chama 4:** No caso quase a mesma coisa, serviços gerais, carga e descarga, né! Só que ai sendo empregado, né!

**Pesquisadora:** A diferença é q lá tinha vinculo empregatício e aqui não.

**Chapa 4:** Exatamente, lá é fichado, tinha FGTS, fundo garantia essas coisa tudo ai.

**Pesquisadora:** É o que levou, o que leva o senhor a trabalhar como chapa?

**Chapa 4:** No caso de mim, né! Se sair de um serviço, tem que, então aqui já, como aqui, já o habitat da gente é esse, como eu já trabalhei no trecho aqui, então a gente vem pra cá, já tem amizade com um e tem com outro, ai vai desenrolando.

**Pesquisadora:** Então pro senhor seria mais como, tipo outra oportunidade, se eu não encontrar mais nada posso trabalhar como chapa?

**Chapa 4:** Exatamente. Até quando não tiver, não arrumar outro fixo to por aqui, quando eu arrumar, ai vou trabalhar fixo de novo, de emprego.

**Pesquisadora:** Quem costuma contratar os serviços do senhor? É o empresário ou é o caminhoneiro?

**Chapa 4:** Não. Varia, nós trabalha com o empresário, com o caminhoneiro, varia, quando tem um diretamente com o caminhoneiro, muitas vezes o empresário, nós faz as duas coisa.

**Pesquisadora:** E essa negociação, como é que faz eles ligam pra um, que chamam os outros, como é?

**Chapa 4:** Assim, a gente geralmente, geralmente cada um tem sua turma de trabalho, tem três, tem dois, tem quatro, quando chega pra um aquele liga pros outros. Oh tem um serviço tal hora, ai chega lá a gente vai e impeleita o serviço, ou que seja com o caminhoneiro ou com o empresário.

**Pesquisadora:** Muito bem. É você considera que passa por algum tipo de risco no trabalho. Qual?

**Chapa 4:** Sim, sim..o peso, porque ai, geralmente a gente pega muito peso né! É muito excesso, muitas vezes trabalha um dia, ai trabalha outro, as vezes trabalha três dias um no outro emendado, ai isso ai, vai ocasionar muitas coisas, vai desgastando no futuro pode ser que aconteça algum coisa coma agente com a saúde da gente, né!

**Pesquisadora:** Quantos dias da semana o senhor trabalha como chapa?

**Chapa 4:** Ai vareia, vareia, muitas vezes é a semana toda, de segunda a sábado, as vezes é dois dias, as vezes é três, varia.

**Pesquisadora:** E quantas horas por dia o senhor trabalha?

**Chapa 4:** Geralmente, geralmente, hoje é assim, quando é um bico é 3 hs, 5 hs, quando é um serviço de outra coisa mais pesada é um dia, ai vareia.

**Pesquisadora:** E a questão do descanso como é que vocês fazem?

**Chapa 4:** Só mesmo a noite, só, muitas vezes a gente quando faz um, quando faz uma diária boa, ai muitos num vem mais fica em casa, descansa, geralmente 1 h da tarde, 2h, ai num vem mais, ali aquele período ali de 2 da tarde até 6 da noite e o resto da noite é o descanso.

**Pesquisadora:** Muito bem. Tem um limite de peso que cada um profissional pode transportar, de uma só vez?

**Chapa 4:** Ai vai de cada um, né! Porque geralmente a gente se baseia por o peso da gente, né, se pega um peso, mais geralmente aqui vai de cada um, que queira carregar o.

**Pesquisadora:** O senhor se preocupa em pegar um peso só limite, pra não desgastar muito?

**Chapa 4:** Sim, já no meu caso como eu peso quase sem kg eu posso pegar 90, 60, sem me preocupar, mas geralmente é esse peso ai, agora quem já num, quem num pesa 90, pesa 80 e pega 90, ai no futuro, vai, vai ter os seu prejuízo, as consequências vai ter.

**Pesquisadora:** Quais os equipamentos de trabalho que o senhor usa?

**Chapa 4:** Aqui é porque são varias coisa, por exemplo se a gente for trabalhar com caixaria, ai já num tem nada, né, num precisa, se for trabalhar fazendo milho, o milho vem a granel, a gente vai e ensaca, pesa, ensaca e bota no comércio, aonde tudo que você for fazer, ai precisa de luva, precisa de óculos, precisa de a mascara mode o pó da.

**Pesquisadora:** No caso já seria os equipamentos de segurança, tem que usar dependendo do tipo de produto?

**Chapa 4:** Exatamente, ai depende, quando é caxaria num precisa quase nada, mas no caso do milho, não a poeira, é vai, entope o nariz, ai vai um bucado de coisa, os olhos né!

**Pesquisadora:** Esses equipamentos de segurança é de vocês, ou é do empresário ou do caminhoneiro?

**Chapa 4:** Não, não é tudo nosso, cada um tem, tem seus equipamentos, tem que trabaiar, no caso do milho tem que trabaiar equipado porque se não, mais pra frente vai ter suas consequências.

**Pesquisadora:** Com certeza. É durante esses anos trabalhando como chapa o senhor já adquiriu alguma doença, por conta das condições de trabalho?

**Chapa 4:** Não, não, já no meu caso não, por que como eu já disse no começo da entrevista eu não, trabalho totalmente, fixamente só na, no chapa né, porque se eu passar 1 ano sem arrumar serviço to aqui, e se eu passar dois também, mas muitas vezes eu passo, no ultimo período agora eu passei dois ano trabalhando aqui, ai passei dois ano trabaindo de carteira assinanada, ai voltei de novo, até quando não arrumar um emprego fixo eu to por aqui.

**Pesquisadora:** Então o senhor se sente feliz trabalhando como chapa? Por quê?

**Chapa 4:** Sim, sim, por que assim a gente tem uma certa liberdade, né, uma certa liberdade, se quiser vim num dia vem, se num quiser num vem, ta certo que se você não souber é administrar o dinheiro você vai ter algumas coisas que possa ser que dê alguma coisa errada, mas se souber administrar mesmo, tira pra quilo, tira pra quilo, vai fazendo suas coisas e vai levando.

**Pesquisadora:** Muito bem. É pro senhor o que representa ser um chapa?

**Chapa 4:** Pra mim é um trabalho digno como qualquer outro, só que algumas pessoa da classe mais alta acha que não, acha que porque é chapa é muitas vezes é ladrão, outras vezes é traficante, tem uns, tem vários tipos de chapa tem uns que vem trabalhar pra sustentar a família, tem outro que vem pra drogar ai.

**Pesquisadora:** Como em qualquer outro emprego a pessoa ganha o dinheiro e gasta da forma que quer.

**Chapa 4:** Exatamente, é, empresa também é do mesmo jeito, tem muitos que trabalha pra família, tem outros que trabalha pra luxar, tem outros que trabalha pra beber e ai vai.

**Pesquisadora:** É, a remuneração que o senhor consegue ganhar com a profissão de chapa é suficiente para garantir o mínimo existencial, ou seja, saúde, moradia, educação, alimentação e lazer, pro senhor e para sua família?

**Chapa 4:** Ai vareia, a gente, aqui tem as etapas tem o tempo, geralmente assim de janeiro até março é ruim, é fraco, é fraco mesmo, acho que esses quatro mês são fraco, mas quando passa de abril, maio até dezembro, se for pra, se for, se você for pra ter uma responsabilidade pra assumir tudo isso ai dá, num dá totalmente, totalmente pra tirar tudo não, mas dá um pouquim daqui, um pouquim dali, da pra se virar.

**Pesquisadora:** Da pra ir se ajeitando né, tira de um lugar bota no outro vai se ajeitando.

**Chapa 4:** Também geralmente hoje os chapa que tão aqui geralmente, uns são casado outros são solteiro, os solteiros vão gastando da forma que quer e os casados já tão sabendo né, que as vezes tem a mulher que ajuda, ai vai incrementando a coisa, pega de um lado, pega do outro e vai levando.

**Pesquisadora:** Pois era só isso muito obrigado e bom trabalho.

**Chapa 4:** Obrigado você, por a, por ter dado essa oportunidade pra gente aqui, por que é assim como eu lhe disse, pra muita gente, a classe da gente é tem uma, representa pra eles nada, nada, mais é assim mesmo, é o país que deixou a desejar, desse jeito.

**Pesquisadora:** Justamente no início do trabalho, que eu já escrevi uma parte eu coloquei que ia trabalhar isso pela importância que vocês têm, porque são vocês que descarregam a mercadoria que vai pro supermercado que abastece Picos inteiro e ainda outras cidades, por

exemplo, eu sou de Ipiranga e os comerciantes de lá pegam mercadoria aqui, ou seja, é uma mercadoria que vocês colocam no comércio e eles vêm e pegam e vendem pra gente, né.

**Chapa 4:** Exatamente, eu acho que se não fosse à gente, é se não fosse à gente não, sem a gente não da pra fazer tudo, faz, mas não tudo, sem o braçal não dá, então no caso o braçal, é o chapa então aqui nos tamo pra fazer, apareceu a gente faz e ai vamo levando, a gente arruma amizade, arruma vai fazendo uma lado, uma do outro e ai termina muitas vezes a gente começa chapa aqui e termina dentro de uma armazém desse termina com uma amizade com um empresário desse, ai rapaz to precisando, vou botar você lá porque eu conheço e tal, tal, você já trabalhou comigo, ai a honestidade é que faz a gente.

**Pesquisadora:** É uma questão que ajuda até o empresário porque se ele fosse contratar realmente todas as pessoas pra fazer esse trabalho seria muito mais custoso pra ele.

**Chapa 4:** É, com certeza, tem essa parte também, ai é como eu lhe digo, ai a gente trabalha aqui, faz o serviço pra todo mundo e pega amizade com todo mundo, quem conhece diz: rapaz chama fulano, chama Marcos, chama Antônio, chama e ai vai, a gente vai crescendo vai pegando amizade, tem gente, tem motorista que quando ta saindo lá do Rio Grande do Sul quando ta saindo de lá diz: oh daqui a dez dias to ai em Picos viu, a gente já ta esperando ele já chegar.

**Pesquisadora:** Já tem um vinculo.

**Chapa 4:** Já, já tem um vinculo, já de longe, oh pra você vê, Rio Grande do Sul pro Piauí é um bom pedaço.

**Pesquisadora:** É uma questão de honestidade né?

**Chapa 4:** Exatamente, ai a honestidade ta em primeiro lugar ai, se ele liga antecipadamente quando ele vem, quando ele é pra vim, é sinal que fez uma vez, fez duas, fez três e deu tudo certo, não faltou nada, as entregas deu tudo certo ai vai, honestidade foi o que prevaleceu ai.

**Pesquisadora:** Pois muito obrigada!

**Chapa 4:** Muito obrigado a você viu.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 ( ) Monografia  
 (X) Artigo

Eu, Erindade Santos Sousa,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
O Trabalho de Chapa à Luz do Princípio da  
Dignidade da Pessoa Humana  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de fevereiro de 20 15

Erindade Santos Sousa  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura